

A stylized illustration of a woman with voluminous, curly dark hair, looking directly at the viewer. She is wearing a dark top. The background consists of several buildings drawn in a sketchy, hand-drawn style with various window shapes and architectural details. The overall color palette is muted, with shades of grey, brown, and blue.

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM CONTEXTOS MILITARIZADOS:

Uma cartografia escrita por mulheres

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO EM CONTEXTO MILITARIZADOS: UMA CARTOGRAFIA ESCRITA POR MULHERES

Rio de Janeiro - 2020
1ª edição



AUTORAS DA CARTOGRAFIA SOCIAL DE GÊNERO

Anne Carolina Martins
Beatriz Virgínia Gomes Belmiro
Dayana Gusmão
Diana de Souza F. Luiz
Erika Batista
Franciele Campos
Gizele Martins
Jessica Lene
Jucely Cavalcanti da Silva
Juliana Farias
Michele Seixas
Militão
Mônica Ponte
Nathally S. Bernardes
Rachel Barros
Sandy Ferreira
Sergiele Oliveira
Thais Nunes
Vitoria dos Santos Silva

PROJETO GRÁFICO

Rachel Gepp

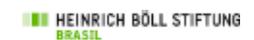
Realização



Parceria



Apoio



“Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de “Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas”



- 05 DEDICATÓRIA
- 07 APRESENTAÇÃO
- 09 FAVELAS CARIOCAS
- 12 PRESENÇA ARMADA DO ESTADO NAS FAVELAS:
MANGUINHOS E MARÉ NOS ÚLTIMOS 10 ANOS
- 14 CONTEXTOS MILITARIZADOS E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO:
POR QUE DISCUTIR ESSA CONEXÃO?
- 17 SOLDADOS, CABOS, TIOS E PADRASTOS COMO ALGOZES
- 18 “ANTES, MANGUINHOS E MARÉ ERAM A MESMA COISA, ATÉ QUE
FORAM SEPARADAS PELA AVENIDA BRASIL”: ESQUADRINHAMENTO
DE TERRITÓRIOS E CORPOS, URBANIZAÇÃO E MILITARIZAÇÃO
- 22 METODOLOGIA
- 27 CONTOS
- 42 DOS AFETOS AOS EFEITOS DA AÇÃO



Durante os nossos encontros, percebemos que nesta cartografia, território e corpo, assim como raça e gênero, apareciam de formas inseparáveis. Tratamos de violações cujas marcas não cabem nas técnicas de georreferenciamento de tão encravadas que estão nas memórias. Memórias femininas, racializadas. Memórias faveladas de casas derrubadas ou invadidas, de famílias removidas, despejadas, de pessoas que ali foram nascidas e criadas ou vieram de diferentes estados do Nordeste ainda bebês. Memórias de corpos violentados porque femininos ou porque masculinos – mas sempre porque negros, sempre porque favelados. Dentro ou fora da favela.

Nesta cartografia, cada episódio vivido, narrado, desenhado ou escrito como violento, vinha acompanhado de mais outros quatro ou cinco, que faziam lembrar das relações familiares e/ou dos territórios de vida:

“aconteceu com minha avó...”

“aconteceu quando eu tava voltando do baile da Nova Holanda”;

“*minha amiga* tava passando na calçada da Cidade da Polícia”;

“na primeira vez que *eu sofri* uma abordagem policial eu tava saindo pela suburbana e uma viatura parou, os policiais me revistaram, eu me senti em risco”;

“um dia descendo o morro *minha mãe* teve que se jogar no chão e ficar por cima da *minha irmã* porque começou um tiroteio... na época minha irmã tinha 3 anos”.

“*minha irmã* nunca esqueceu o dia em que estava saindo de carro com meu pai e ele foi obrigado a levar para o hospital um homem que tinha sido

baleado; minha tia que teve que se mudar de casa depois que um soldado invadiu sua cozinha e ali executou um bandido que fugia; uma bebê, **minha priminha**, a primeira coisa que ela aprendeu a falar foi pow pow.”

Minha mãe, minha irmã, minha vó, minha tia, minha vizinha, minha amiga... falamos, escutamos e escrevemos sobre memórias de memórias. Essa relação, de uma violência que faz lembrar de episódios semelhantes ocorridos com mulheres que fazem parte do mesmo cotidiano, constrói a experiência coletiva e feminina da militarização sentida nos corpos das moradoras de favelas.

Relatos como esses fizeram parte da trajetória de vida de Marielle Franco. Sendo uma mulher negra, lésbica e favelada, ela dedicou sua vida a ouvir e a denunciar violações presentes nos discursos das moradoras de favelas.

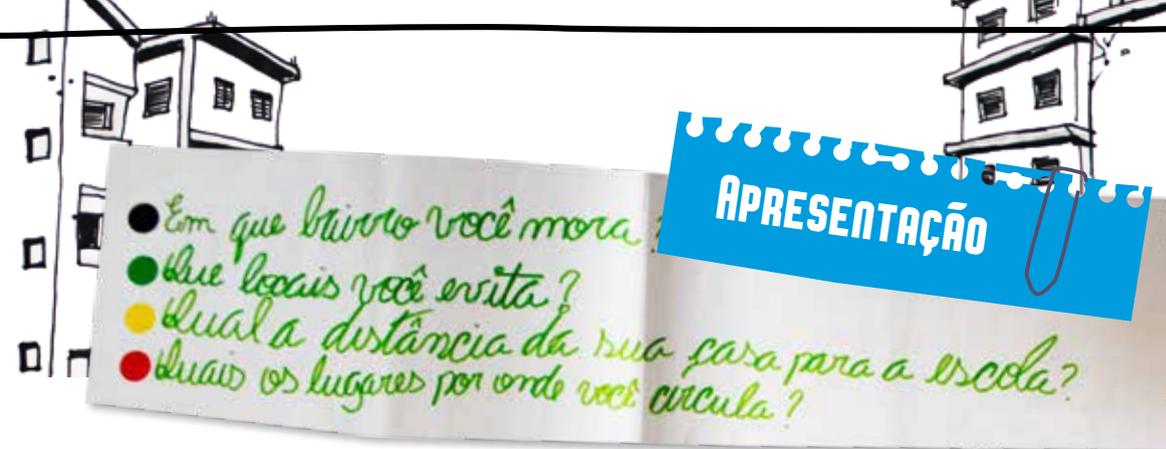
Sabemos que Marielle foi executada por ser uma mulher negra que denunciava constantemente as violências cometidas pelo Estado. Sua atuação política foi apoio, aliança e incentivo para muitas outras mulheres que, como ela, não se conformaram com o sofrimento vivido cotidianamente em seus territórios de vida.

Esta cartografia também é uma homenagem à memória e à luta de Marielle Franco, inspiração para toda e cada nova forma de atuação criada por faveladas, negras, lésbicas, e tantas outras discriminadas.

Amiga, irmã, companheira, inspiração.



Marielle é ancestral, semente e força para as lutas que seguiremos travando.



Você já foi vista de calcinha e sutiã por um policial armado que acabou de invadir a sua casa? Alguma amiga ou vizinha sua teve a casa invadida por um soldado do exército e foi vista por ele de camisola? Muitas mulheres que moram em favelas e periferias do Rio de Janeiro já passaram por situações como essas, que fazem parte de contextos militarizados.

Esta cartografia surgiu da necessidade de falar sobre esse tipo de violência, que pode passar despercebida entre tantas outras conhecidas por quem vive um cotidiano com execuções sumárias, detenções arbitrárias, espancamentos, esculachos. Falamos aqui de uma violência que cria marcas dóidas nas rotinas e nas subjetividades de muitas mulheres e que, de tão cotidiana, acaba sendo invisibilizada.

Assédios, xingamentos, ameaças e o controle da rotina convertem-se em formas de atuação militarizada do Estado quando executadas pelos seus agentes que ocupam favelas e periferias. Violências que intimidam, ficam na memória e marcam os corpos de mulheres pelo controle e perda de sua liberdade.

Produzida ao longo de dois anos de trabalho por um grupo de 20 mulheres, esta publicação é resultado desse encontro: secundaristas, profissionais de diferentes áreas, estudantes de graduação e pós-graduação, militantes ou não – mas todas compartilhando a mesma vontade de se escutar, refletir e elaborar coletivamente um registro concreto de marcas de violência que precisam ser enxergadas e reconhecidas na sua gravidade e sistematicidade.



“Desenvolvimento e violência de gênero: os impactos da militarização da cidade na vida das mulheres” foi uma ação desenvolvida pela Fase-Rio, que contou com o acúmulo de três anos de reflexões e aprendizados sobre as vivências e formas de enfrentamento da violência urbana criadas pelas mulheres moradoras de favelas. Numa primeira iniciativa, produzimos um trabalho de cartografia social que abordou os impactos das Unidades de Polícia Pacificadora nas rotinas das mulheres moradoras de duas favelas: Manguinhos e Caju¹.

Com este segundo trabalho de cartografia, nossa intenção foi dar continuidade à reflexão sobre as múltiplas formas como a militarização se manifesta. E nesse sentido, encaramos o desafio de abordar uma de suas facetas menos discutidas e visibilizadas, mas extremamente presente no corpo e na experiência das mulheres afetadas pela militarização.

Pela afinidade com a temática e hipóteses de pesquisa, desenvolvemos esse trabalho em parceria com o CIDADES – Núcleo de Pesquisa Urbana (PPCIS/Uerj), através do projeto de pesquisa “Violência, Gênero e Favelas: Um estudo sobre formas de governar territórios e corpos”, cuja continuidade se deu através do projeto de pesquisa “Violências de gênero violações de estado: um estudo sobre o controle de corpos e territórios” desenvolvido no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu (Unicamp)².

As oficinas tiveram início em 2016, após os acordos éticos e políticos necessários para a realização do trabalho, com a participação de todas as autoras desta cartografia, e foram finalizadas em 2017. Os debates travados, as distintas inserções políticas das participantes do processo, bem como o desenho metodológico das oficinas compõem o conteúdo desta publicação e correspondem ao compromisso do grupo junto às lutas protagonizadas pelas mulheres contra a violência de gênero, contra o racismo e contra a militarização da vida.

Que o conteúdo desta cartografia possa se desdobrar em debates e ações.

Boa leitura!

1. A publicação “Cartografia social urbana: impactos do desenvolvimento e da violência urbana na vida das mulheres moradoras do caju e de Manguinhos” está disponível no site da https://fase.org.br/wp-content/uploads/2015/12/Cartografia_CajuManguinhos.pdf
2. Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)/Número do processo: 2017/17910-0.

FAVELAS CARIOCAS



Favela, o lugar do funk, do mutirão, da capoeira, das religiões, da música alta, do pagode, do forró, da folia de reis, da piscina na laje ou na rua, do churrasco no sabadão ou no domingo, da tendinha na esquina, do mercadinho que se pode colocar o nome no prego, do trabalho alternativo na kombi, na van, da criança na rua soltando pipa. É assim a favela para quem a constrói e a reconstrói há 120 anos. Este é um lugar extremamente marginalizado, criminalizado, violentado pelas autoridades, pelos governantes, pelo Estado, sendo este um fato histórico de criminalização da pobreza, e que atravessa a vida cotidiana para quem tenta todos os dias apenas sobreviver nela.

Sem cidadania, moradia, educação e saúde, as favelas passaram a ser uma solução para a falta de direitos, dentre eles, o de moradia. Os favelados construíram seus barracos, vida cultural e o trabalho alternativo ao longo do tempo. As favelas surgiram em espaços próximos aos locais de trabalho dessa população. Como citado acima, são 120 anos de favelas e elas nascem no Rio de Janeiro. A primeira a ganhar o nome de favela, o Morro da Providência, surgiu na década de 1880, quando se escrevia: Favella. É importante lembrar que esta foi a época da chamada ‘abolição da escravidão’, em 1888, e também da migração nordestina para os grandes centros. Afinal, neste período, um dos grandes interesses das autoridades era transformar o Rio numa grande força do capital, ou seja, tornar esta população mão de obra barata era importante na época, e ainda é atualmente.

De acordo com o Censo 2010, existem aproximadamente 800 favelas espalhadas por todo o Rio de Janeiro. Historicamente, as autoridades nunca trataram esses espaços como uma solução inventada pela população. Há mais de cem anos os favelados são responsabilizados pelos governantes por suas condições precárias, algo que acompanha essas mais de 800 favelas espalhadas por todo o Rio. Quem mora nestes locais tenta todos os dias reconstruir estes espaços, construindo suas casas, suas ruas, seu chão, valorizando sua cultura, lutando contra a criminalização e o racismo que atravessa o cotidiano de uma população que em sua maioria é negra ou empobrecida.

Manguinhos

De um território formado por manguezais a um complexo habitado por cerca de 50 mil pessoas. Entre os séculos XIX e XXI, Manguinhos teve sua paisagem radicalmente transformada. Assim como os bairros do Caju, Maré e Bonsucesso, este espaço fazia parte da Enseada de Inhaúma, um local cercado por pequenas ilhas e mangues, que formava uma espécie de recuo em formato de concha da Baía de Guanabara. A geografia original deste espaço foi desaparecendo com os sucessivos aterramentos das ilhas da região.

O Censo do IBGE 2010 aponta para a existência de aproximadamente 36.160 pessoas residindo no bairro Manguinhos, e por estimativas feitas pelos grupos de pesquisa e intervenção em Manguinhos, cerca de 50 mil fazendo parte do complexo. No total, o complexo de Manguinhos reúne 16 favelas: Parque Oswaldo Cruz (Morro do Amorim), Comunidade Vila União, Parque Carlos Chagas (Varginha), Parque João Goulart, Comunidade Vila Turismo, Centro de Habitação Provisória nº2 (CHP2), Conjunto Habitacional Nelson Mandela, Conjunto Habitacional Samora Machel, Comunidade Mandela de Pedra, Comunidade Embratel (Samora II), Comunidade Vitória de Manguinhos (Conab ou Cobal), CCPL, Embratel II, DSUP, Comunidade Agrícola de Higienópolis e Vila São Pedro.

A formação do complexo de Manguinhos traz à tona as iniciativas governamentais sobre o ordenamento do espaço urbano. Do bairro industrial às fábricas ocupadas com fins de moradia, Manguinhos adquiriu representações distintas, mas com a marca constante da intervenção do Estado. No início de sua formação, o objetivo governamental era incorporar Manguinhos a um projeto de zoneamento planejado da cidade com fins econômicos, ideia que esteve presente em diferentes documentos voltados para a organização do espaço urbano carioca. Contudo, a mudança na resolução do problema da favela na década de 1930 e a criação dos Conjuntos Habitacionais Provisórios resultam no aumento do número de favelas nas duas décadas seguintes.

A proposta de fazer desta região um bairro industrial pode ter determinado o destino de grandes contingentes populacionais removidos de áreas enobrecidas da cidade, o que foi determinante para seu processo de ocupação. Quando na década de 1980 esta região passa pelo processo de desindustrialização, algumas dessas plantas industriais são ocupadas para fins de moradia, o que reforça os dados que registram um crescimento contínuo da população de Manguinhos.

Em tempos recentes, Manguinhos foi alvo do Programa de Aceleração do Crescimento, um projeto com mais de 570 bilhões de reais, voltado para a construção de habitações e equipamentos públicos. No entanto, a qualidade das obras e a continuidade das enchentes que atingem seus moradores a cada verão só reforçam a visão de que ali o Estado atuou de forma precária.

Manguinhos também possui rico histórico de lutas por habitação, moradia e cultura, presente em sua escola de samba, no movimento social organizado, conselhos de saúde e espaços de educação, construídos pela atuação de suas moradoras e moradores.

Para mais informações sobre Manguinhos, consultar: página do Território Escola Manguinhos (<http://andromeda.ensp.fiocruz.br/teias/o-territorio>), o canal do LTM/ Territórioemmovimento (<https://www.youtube.com/channel/UCQZdcT-y3b2POYkARRQ1DWg>) e o livro "História de pessoas e lugares" (LTM/ Fiocruz, 2009).

Maré

O Conjunto de Favelas da Maré está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro. São mais de 132 mil moradores espalhados pelas 16 favelas segundo o Censo Maré 2000. As favelas que formam todo o conjunto são: Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Parque Maré, Nova Maré, Nova Holanda, Rubens Vaz, Parque União, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Vila do Pinheiro, Vila do João, 'Salsa e Merengue', Marcílio Dias, Roquete Pinto, Praia de Ramos, Bento Ribeiro Dantas e Mandacaru. A Maré é considerada o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro. Surgiu na virada dos anos de 1930 para 1940 e é cortada pelas três principais vias de acesso ao Rio: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela.

Os primeiros moradores vieram do nordeste do país para a construção da Avenida Brasil, formaram suas casas na beira da avenida, construíram suas palafitas e, aos poucos, foram aterrando e fazendo nascer essas 16 favelas. Cada uma delas tem perfis completamente diferentes uma da outra. Elas nasceram em momentos distintos e são formadas, hoje, por pessoas de lugares variados. O histórico da Maré é marcado pela organização interna dos próprios moradores: pré-vestibulares comunitários, mídias comunitárias, assembleias em praças públicas para a chegada da caixa d'água, iluminação, dentre diversos outros tipos de direitos conquistados ao longo dos anos.

Parte dos grandes impactos sofridos nos últimos dez anos por causa dos megaeventos, foram iniciadas no Estado do Rio de Janeiro com as instalações das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). As UPPs começaram a ser implementadas nas favelas cariocas em 2008 como um projeto político do Governo do Estado, da época do governador Sérgio Cabral, junto à Secretaria de Estado de Segurança Pública do Rio de Janeiro, que, até o ano de 2016, foi comandada por José Mariano Beltrame.

PRESENÇA ARMADA DO ESTADO NAS FAVELAS MANGUINHOS E MARÉ NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Para a implementação das UPPs dentro das favelas, vários acordos e parcerias foram feitos. Muitas empresas e instituições públicas investiram em pesquisas, além do apoio na visibilidade delas dentro das favelas. Junto às UPPs veio a promessa da “entrada de outros direitos”, observando que eles seriam apenas garantidos em favelas com UPP, situação que mostra, mais uma vez, que a lógica estatal de cidadania, quando se pensa em favela, pressupõe a presença policial.

No dia 16 de janeiro de 2013 foi instalada uma Unidade de Polícia Pacificadora em Manguinhos. Sendo a 29ª Unidade criada, seus moradores já sabiam das possibilidades de violação cometidas por agentes policiais. No dia 17 de março de 2013 ocorreu a primeira morte em Manguinhos após o início do programa de “pacificação”. Mateus Oliveira Casé, de 16 anos, morreu durante uma abordagem policial na Praça de Vila Turismo. No mesmo ano, em 17 de outubro, o jovem Paulo Roberto Pinho de Menezes foi espancado até a morte por um grupo de policiais. Em 14 de maio de 2014 mais um jovem, Johnatha Oliveira foi assassinado com um tiro nas costas enquanto voltava da casa da avó. Esses casos, além dos inúmeros relatos de coerção, proibição de atividades culturais e tratamento violento colocaram em dúvida a proposta de proximidade preconizada pelo projeto. Atualmente Manguinhos segue sendo alvo de incursões policiais em horário escolar, casos de assassinato e abordagem violenta cometida por agentes policiais.

Já o Conjunto de Favelas da Maré, por estar próximo às vias expressas Linha Vermelha, Avenida Brasil e Linha Amarela, além do Aeroporto

Internacional Tom Jobim, foi invadido pelo exército durante a Copa do Mundo em 2014. Essa força de “pacificação” recebeu o nome de “Operação São Francisco” com o objetivo de preparar o “território” para a implementação da Unidade de Polícia Pacificadora, o que não ocorreu. Os moradores da Maré tiveram que conviver com tanques de guerra e soldados armados circulando pelas ruas, além das revistas e tiroteios constantes, tudo isso por um ano e cinco meses.

Dados do Diário Oficial da União, com a publicação de uma medida provisória (número 642), assinada pela presidente Dilma Rousseff, revelam que “a mobilização de cerca de 2.500 militares (incluindo 200 PMs) teve um custo: cerca de R\$ 1,7 milhão por dia”³. O que significa que o governo federal fez um alto investimento durante o período em que o exército esteve na Maré, gasto este todo destinado para controle interno.

No primeiro dia, 5 de abril de 2014, de acordo com reportagem do jornal O Globo, as forças armadas chegaram com tanques. Foram empregados na Força de “Pacificação” da Maré 1.900 militares do Exército (Brigada de Infantaria Paraquedista), 400 da Marinha (Corpo de Fuzileiros Navais) e 200 da PM⁴.

Os mais de 132 mil moradores e moradoras da Maré foram obrigados a sobreviverem com tanques de guerra e sofreram inúmeras violações de direitos. Atividades culturais de rua não puderam mais ser realizadas, os trabalhos alternativos de transporte foram proibidos, as casas eram invadidas pelos soldados, escolas fechadas, distribuição de revistas eram feitas pelos soldados nas escolas, crescendo assim, a militarização da vida no espaço favelado, além do controle cotidiano neste local.

Para mais informações sobre a Maré, consultar: Museu da Maré (museudamare.org.br)

3. Presença de militares na Maré custa R\$ 1,7 milhão por dia, O Globo, 26 de maio de 2014, disponível em <http://www.forte.jor.br/2014/05/26/presenca-de-militares-na-mare-custa-r-17-milhao-por-dia/> (14 de agosto de 2017).
4. <https://oglobo.globo.com/rio/presenca-de-militares-na-mare-custa-17-milhao-por-dia-12601748> (13 de fevereiro de 2014).

CONEXOS MILITARIZADOS E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO: POR QUE DISCUTIR ESSA CONEXÃO?



“Naquele dia eu fiquei com muito medo. Eu vi um policial acuando uma mulher na parede do mercado e eu resolvi me meter, pra saber o que ele tava fazendo com ela. Daí esse mesmo policial veio pra cima de mim, perguntando o quê eu queria, por que eu tava me metendo e dizendo que se eu continuasse me metendo, eu ia ver só o que ia acontecer. Eu tava explicando pra ele que eu só tinha parado pra ver o que estava acontecendo com a mulher, caso ela precisasse de ajuda, e ele falou com essas palavras: “Para de gritar, vocês tem mania de gritar, se você continuar gritando, eu vou te revistar”. Aí eu falei pra ele que ele não poderia me revistar, somente uma policial. E ele falou “Sua analfabeta, isso mudou, eu posso te revistar sim, eu posso fazer o que eu quiser com você. Inclusive se eu quiser, eu posso te levar pra delegacia e lá vão fazer uma revista íntima com você e eu quero ver o que é que você vai falar”. Ele não me revistou, ele não me levou pra delegacia, mas ele me ameaçou dessa maneira. Eu não estava gritando com ele, ele me chamou de analfabeta, eu não sendo analfabeta, então aí tá claro um episódio de racismo e um episódio de sexismo, machismo.”



atenção para situações que em geral são vistas como menos graves, mas ainda assim marcam de forma determinante os cotidianos das mulheres faveladas e das mulheres negras que residem nas periferias. Tivemos um recorte geracional importante que colaborou para o acesso à essa dimensão da militarização. Lidamos, sobretudo, com mulheres jovens, cujas experiências nos fizeram enxergar outros aspectos importantes.

Enquanto algumas mulheres choram por filhos, sobrinhos, netos e maridos executados, outras mulheres são elas mesmas executadas, outras continuam vivas, mas foram estupradas por soldados ou torturadas dentro de “caveirões”. Cada chacina onde homens jovens negros foram executados sumariamente, ocorreu no mesmo mês, na mesma semana ou no mesmo dia em que mulheres foram assediadas, torturadas e/ou estupradas por agentes armados do Estado.

Argumentamos aqui, portanto, que as ocupações de territórios de favelas e periferias pelas forças armadas ou pela polícia militar, assim como incursões e operações das polícias militar e civil nos mesmos territórios, se fazem através de práticas letais e práticas não letais de controle: a insistência da revista da mochila da moradora pelo mesmo soldado, na mesma esquina, por semanas seguidas, é parte constitutiva do terror instaurado pela militarização, tanto quanto uma execução sumária. Ambas as práticas são produzidas pela lógica militarizada, ao mesmo tempo em que garantem a infiltração do terror nas favelas e periferias.

Durante nossas oficinas, tanto na Maré quanto em Manguinhos, discutimos diferentes facetas da presença militarizada do Estado nas favelas. A Maré tinha passado por 14 meses de ocupação das Forças Armadas, através de uma operação de “Garantia da Lei e da Ordem” nomeada pelo Ministério da Defesa de “Operação São Francisco”; Manguinhos atravessava o quarto ano de instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em seu território, além da presença hostil da Cidade da Polícia, cujas edificações localizavam-se em uma das vias principais de demarcação do seu perímetro.

Nas oficinas da Maré, a presença das forças armadas aparece inclusive através do *cano do fuzil que o soldado do exército enfiou dentro da panela que estava no fogão*. Inúmeros relatos de abordagens truculentas e revistas, combinadas com assédio por parte dos soldados, configuram uma extensa lista de denúncias que foram compondo esta cartografia. Durante nossos encontros, quando conversávamos sobre a conexão entre a presença armada do Estado e as violências de gênero, o assédio muitas vezes apareceu através de “piadinhas” dos soldados: *“mal educada, não vai falar comigo não? Não vai me dar atenção não?”*. As lembranças sobre as revistas também apareceram nessas discussões: *“eu sempre passava pelo mesmo lugar e era sempre o mesmo soldado que revistava minha mochila e eram sempre as mesmas piadinhas”*.

As violações de direitos produzidas por agentes de estado em contextos militarizados marcam as trajetórias das pessoas que residem em favelas e periferias de formas muito variadas – e tais variações estão diretamente articuladas aos marcadores sociais de raça, gênero e geração. As mesmas políticas de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro que transformaram os homens negros jovens no seu maior alvo também atingem as mulheres – e aqui nos referimos tanto às mães e demais familiares dos homens que são executados sumariamente, quanto a outras mulheres que também são sumariamente executadas e/ou são atingidas de outras formas por essa violência estatal.

Sem hierarquizar violações, enfatizamos a importância de voltarmos nossa



Os relatos das moradoras que estavam de camisola ou de calcinha e sutiã, no momento em que suas casas foram invadidas também são muito recorrentes – e lembramos aqui que não é exclusividade da “Operação São Francisco” na Maré, mas trata-se de uma marca da presença de diferentes braços armados do Estado em favelas e periferias. Ainda sobre a operação São Francisco, é importante compartilharmos a informação de que as moradoras que faziam aulas de dança na “Lona Cultural da Maré” eram assediadas pelos soldados do exército nos momentos de chegada e saída das aulas – os mesmos soldados que ficavam do lado de fora da lona assistindo as aulas de dança, uniformizados, portando seu armamento de guerra.

Enquanto os soldados da Operação São Francisco assediavam moradoras da Maré, em Manguinhos os assédios variavam de acordo com os plantões na Unidade de Polícia Pacificadora. Uma das participantes das oficinas contou que um dia saiu de casa para comprar pão às 9h da manhã e havia dois policiais no beco dela: “um tava apontando a arma pro outro lado e o outro ficou mexendo comigo: *ô da bota preta, meu fuzil tá destravado, mas ninguém sabe*”.

Sendo polícia militar ou exército, estão evidentes elementos de abordagens machistas que habitam o cotidiano de diferentes mulheres. Não é exclusividade de mulheres que moram em favelas ouvir “não vai falar comigo não?”, “ei, você do sapato tal”, no entanto, nos contextos descritos, essas abordagens estão sendo realizadas por homens que portam fuzis e estão vestidos de farda. Destacar essa estética militar presente nas abordagens é apontar para elementos considerados fundamentais da ação desses agentes. A farda, o fuzil, a atitude de continência e ação nas favelas, considerando-as como espaços vazios de civilidade, mostram a relação entre símbolos e práticas.

Para os militares, é através dos símbolos que se internalizam os valores morais e éticos. Cada ato de um soldado do exército ou um policial, está carregado desses significados de cumprimento de dever, hierarquia, disciplina e amor à pátria. Contudo, esses valores aparentemente positivos, se convertem em práticas cruéis e violentas, pois são executadas a partir de uma lógica militarizada, onde a força bélica e a atuação coercitiva é o meio privilegiado de obtenção e manutenção dos valores e símbolos da estética militar.

Por isso construímos esta cartografia atentas para as violências de gênero perpetradas por agentes de estado em contextos militarizados: esse assunto não pode ser deixado de lado quando estamos discutindo desmilitarização; esse assunto não pode ser enxergado como menos importante dentro do campo de defesa e proteção dos direitos humanos.

SOLDADOS, CABOS, TIOS E PADRASTOS COMO ALGOZES

Não poderíamos “varrer para baixo do tapete” o fato de que durante muitos dos nossos encontros a violência perpetrada por agentes de Estado armados aparecia através de relatos que se misturavam com outros episódios violentos protagonizados por familiares ou vizinhos das participantes das oficinas.

Os cálculos para circular dentro e fora da favela envolvem tanto os locais onde podem ou não encontrar viaturas policiais, quanto o horário específico para chegar em casa sem ser surpreendida pelo vizinho agressor ou pelo tio assediador. As marcações espaciais nos desenhos produzidos durante as oficinas tornaram possível a discussão sobre aproximações e distanciamentos de episódios de violência distintos – que ao serem lembrados e narrados no mesmo momento, chamaram a nossa atenção para a conexão entre algozes “do Estado” e “da família”.

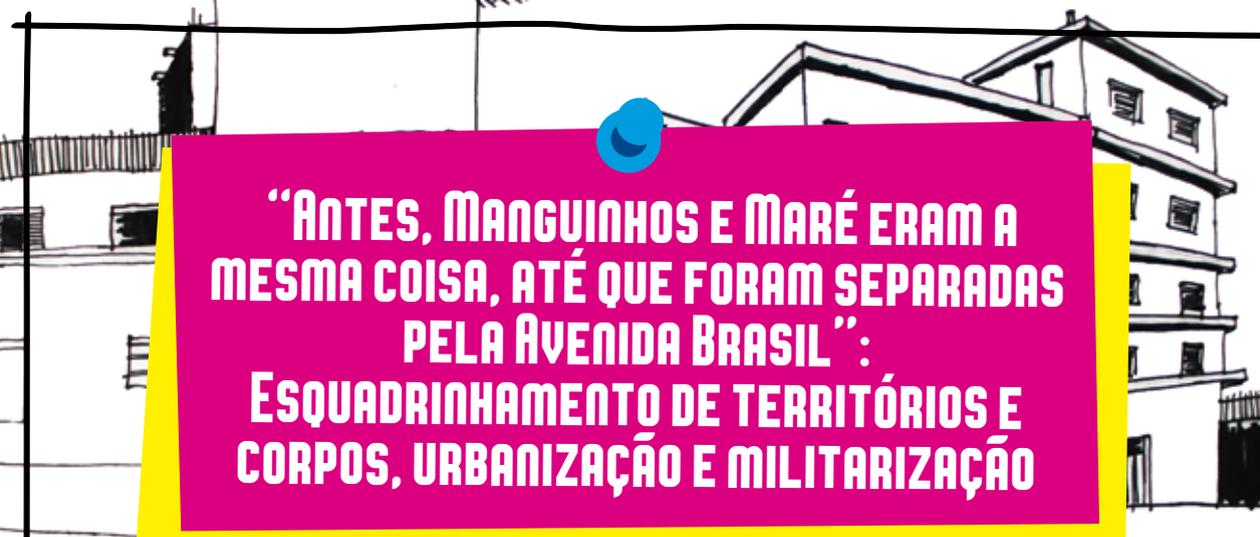
Percebemos juntas que não se trata de compreender uma violência como mais grave que a outra, nem mesmo de eleger uma denúncia como mais legítima que outra. Duas coisas estão em questão aqui:

- 1 O desafio de enfrentar situações de sobreposição de violências, que deixam marcas na memória das mulheres, nos seus corpos e nos territórios onde vivem;
- 2 O desafio de enxergar as múltiplas camadas da violência institucional, alimentadas por uma espécie de entrelaçamento de violências e opressões.

Durante as etapas de produção desta cartografia, a articulação entre machismo e racismo apareceu em muitos relatos sobre violência, ainda que também tenham sido narrados episódios de lesbofobia vividos pelas participantes e de transfobia e homofobia vividos por amigas e amigos das participantes⁶. Racismo, machismo, misoginia, lesbofobia, transfobia e homofobia alimentam a violência de estado e são alimentados por essa mesma violência.

6. É necessário explicitarmos que, durante os preparativos das oficinas tanto em Manguinhos quanto na Maré, foi estabelecido contato com lideranças e LGBTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexuais) para explicar a proposta do projeto e fazer o convite para que mulheres trans, lésbicas e bissexuais participassem da construção da cartografia. No entanto, tal convocação não resultou na participação de mulheres transexuais – fato que lamentamos e que reflete a importância de estarmos mais atentas às pautas das mulheres trans moradoras de favelas em atividades futuras.





“ANTES, MANGUINHOS E MARÉ ERAM A MESMA COISA, ATÉ QUE FORAM SEPARADAS PELA AVENIDA BRASIL”: ESQUADRINHAMENTO DE TERRITÓRIOS E CORPOS, URBANIZAÇÃO E MILITARIZAÇÃO

Estivemos todas juntas no Museu da Maré durante uma das oficinas de dia inteiro. Ali, com a sorte de percorrermos aquele espaço de memória em visita guiada por Gizele Martins, pudemos conectar informações sobre as duas favelas com nossas próprias recordações e análises. Pudemos também refletir sobre as transformações produzidas nos territórios através da passagem do tempo, vendo fotografias e objetos antigos doados por moradoras e moradores da Maré para o museu, conhecendo de perto a tecnologia do “rola-rola” para levar água e entrando em uma casa de palafita reproduzida nas mesmas proporções das habitações que marcam as origens desse conjunto de favelas.

Fotografias e lembranças nos possibilitaram enxergar Manguinhos bem mais perto da Maré, já que antes as duas favelas eram parte do mesmo pedaço de terra. Inicialmente habitada por indígenas Tupi-Guarani, composta por manguezais, ilhas e praias da Baía da Guanabara, depois invadida no período colonial, recortada em sesmarias e distribuída pela Coroa para militares portugueses e para a Igreja Católica. Esquadrinhada primeiramente pelo colonizador, a região que ficou conhecida como Enseada de Inhaúma passou a simbolizar área econômica e politicamente estratégica com a construção do Porto de Inhaúma e a abertura de vias como a Estrada Real de Santa Cruz, hoje bem conhecida por todas nós como Avenida Suburbana⁷.

Benfica já foi “Praia Pequena” e a praia de Ramos já foi o “Porto de Maria Angu”. A área onde está Manguinhos já foi divisa entre duas freguesias – a de Inhaúma e a do Engenho Novo, na época em que “freguesia” configurava unidade político-administrativa colonial articulada à igreja católica. Durante o Brasil Império, tais territórios passaram a ser entrecortados

7. Os dados históricos citados estão disponíveis na página do Museu da Maré: <http://www.museu-damare.org.br>

pela ferrovia que ligava São Francisco Xavier à Caxias, passando por Manguinhos e Bonsucesso.

Já durante o Brasil República, tendo o Rio de Janeiro como Distrito Federal, a primeira rodovia asfaltada do país foi inaugurada – a Rio-Petrópolis – marcando o lema do último presidente da República Velha, Washington Luís, que afirmava que “governar é abrir estradas”. Foi a então “variante Rio-Petrópolis” que originou a construção da Avenida Brasil, que no ano de 1944 foi apresentada pela mídia impressa como “primeira etapa da monumental via de penetração do território nacional”⁸.

Escrevemos aqui, então, refazendo parte deste percurso histórico, atentas às intenções dos traçados em períodos distintos, ativando outras camadas de memória reveladas durante a visita ao Museu da Maré. Saber que “antes, Manguinhos e Maré eram a mesma coisa, até que foram separadas pela Avenida Brasil”, como nos disse Gizele Martins, possibilitou refletir sobre múltiplas conexões entre essas e outras favelas, entre aquele pedaço de terra antes e depois de intervenções colonizadoras e urbanísticas. Esse antes e depois da Avenida Brasil nos faz pensar em antes e depois da Refinaria de Manguinhos; antes e depois da linha vermelha; antes e depois da elevação da via férrea.

Reconhecer a separação dessas duas favelas pela construção da Avenida Brasil significa também refletir sobre a relação entre a passagem do tempo, a ocupação de territórios e todas as formas de violência com as quais já tivemos contato, direta ou indiretamente. Durante o processo de construção coletiva desta cartografia, considerar a passagem do tempo significou enxergar sobreposições de intervenções governamentais e sobreposições de violências – não havia como pensar em uma gradação: não há linearidade no processo genocida, exceto nos traçados das vias e demais obras que antecederam inúmeras remoções; exceto nos traçantes que atravessam nossas casas e nossos corpos.

Se a passagem do tempo contada através dos mapas oficiais exhibe as vias expressas como sinônimo de

8. Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/avenida-brasil-foi-inaugurada-na-decada-de-40-para-ligar-rio-todo-pais-12210380#ixzz5MwevntBk>



progresso, nossas reflexões sobre as intervenções urbanas produzidas nos territórios passaram pelo muro construído entre a Maré e as vias expressas Linha Vermelha e Linha Amarela: anunciado pelo governo municipal como “barreira acústica”, o muro que custou R\$20 milhões ganhou dos mareenses o nome de Muro da Vergonha. Quando se trata de territórios periféricos, as políticas e urbanização, na maioria das vezes, obedecem a demandas por mais segurança na cidade – assim a clivagem entre asfalto e favela segue pautando um planejamento urbano atrelado aos processos de militarização.

Durante a mesma conversa que chamou atenção para o Muro da Vergonha, uma das participantes lembrou que “tiraram a Souza Cruz pra fazer a Cidade da Polícia”. Enquanto uma das vias que demarca uma das fronteiras territoriais de Manguinhos passou a abrigar as instalações de mais uma edificação de segurança pública (designada dentro da estrutura de órgãos da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro como CIDPOL – Cidade da Polícia Civil), uma das vias que demarca os limites geográficos da Maré abriga a 22ª Delegacia de Polícia – construções que reforçam a ideia de um esquadramento de territórios cujo objetivo é controlar melhor aquela parte da cidade considerada periférica, bem como as pessoas que ali residem.

Essas técnicas de controle, necessariamente articuladas a ações violentas por parte de agentes de Estado, marcam não apenas a paisagem urbana nessas regiões da cidade, mas imprimem também suas marcas no cotidiano e nas memórias das moradoras e moradores. Das casas mais próximas

da Avenida Dom Elder Câmara e também do Colégio Estadual Professor Clóvis Monteiro (onde realizamos parte das oficinas) é possível escutar os treinamentos de tiros realizados dentro da Cidade da Polícia. Durante essa mesma conversa, na qual apareceram o Muro da Vergonha e a Cidade da Polícia, uma das participantes condensou o debate com a afirmação de que parecia existir “uma ocupação militar na vida do pobre”.

Essa frase foi expressa em voz alta quando estávamos discutindo as múltiplas compreensões do termo militarização. A

ideia de uma “ocupação militar na vida do pobre” veio acompanhada de outras reflexões:

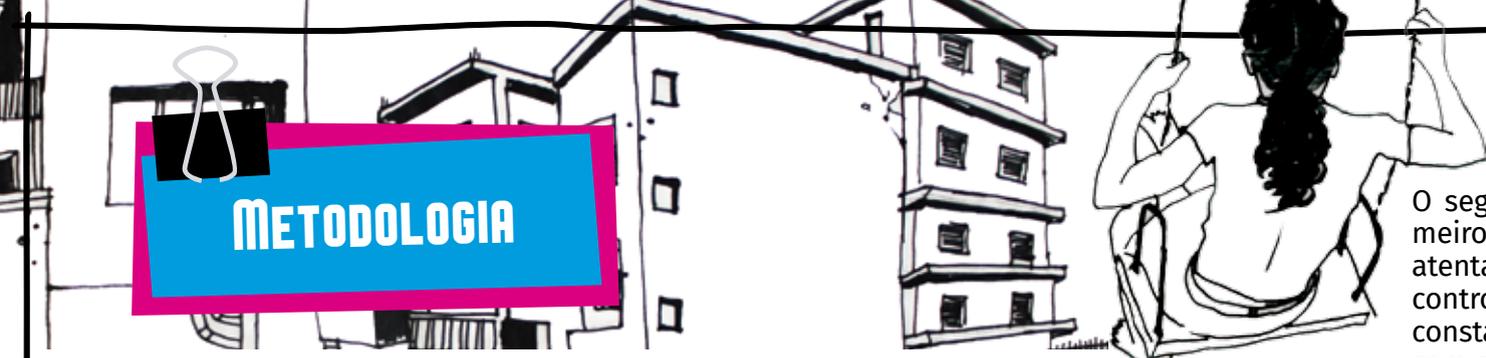
*“a primeira palavra que vem na minha cabeça é luta ou guerra”;
“alguma coisa relacionada a ter porte de armas”;
“Eu penso em militar”.*

Se enxergar como alvo de uma política de segurança pública e enxergar seus familiares, amigos, vizinhos ou conhecidos também como alvo são processos que podem se sobrepor nesses contextos de militarização – ao mesmo tempo em que é possível produzir um deslocamento e se referir a um episódio de violência mediado por um meio de comunicação (“outro dia eu vi na TV que os policiais tavam tirando o pessoal que tava na linha do trem na porrada”), também é possível aproximar de si, do seu próprio corpo, uma ação violenta que foi escutada:

“Parecia que o tiro tava dentro de mim”.

Os processos de reflexão sobre a militarização compartilhados durante os encontros deram conta, ainda, de especificidades nas abordagens policiais produzidas a partir de marcadores de gênero e sexualidade. Tanto se falou de abordagens que envolveram revista íntima de mulheres por agentes policiais homens, quanto se falou de outros tipos de controle de corpos, como no relato sobre o amigo gay que foi detido com um grupo de estudantes e recebeu de um policial a ordem para andar para frente “sem risadinha e sem rebolar”. Encerramos esta seção trazendo mais um exemplo de abordagem cujas especificidades são pautadas por marcadores de gênero e sexualidade: “geralmente os policiais são muito mais agressivos com lésbicas mais masculinizadas. Inclusive já ouvimos alguns relatos de que se você se parece com homem, você vai apinhar como se fosse um homem, né, essa foi uma das motivações da morte de Luana Barbosa, em São Paulo”.





METODOLOGIA

Aprendizados que se constroem na ação

Produzir conhecimentos sobre a vida nos espaços urbanos tem demandado cada vez mais formas de diálogo que promovam o encontro de olhares, saberes e perspectivas. Por isso apostamos no uso da cartografia social como metodologia principal desse trabalho, pois através dela foi possível desenvolver nossas ações tendo na horizontalidade e no aprendizado constante as suas bases.

A horizontalidade diz respeito aos acordos explicitamente feitos entre as participantes e a forma como esta ação foi coordenada. Muitas vezes a decisão coletiva sobre como as atividades seriam realizadas foi determinante para definir o local dos encontros, sua periodicidade e também as mudanças nos conteúdos dos mesmos.

Para algumas mulheres, tornar as oficinas de cartografia social um espaço de discussão, contribuiu para o aprofundamento de questões importantes, como por exemplo, a ideia de “ser feminista” e as vivências de machismo durante as ocupações escolares, que aconteceram em 2016 e muitas delas participaram.

Ao fazer desse material uma construção coletiva, também rompemos com formas tradicionais e arcaicas de diálogos entre pessoas de lugares, visões e experiências distintas. Nossos encontros sempre foram atravessados pela vivência pessoal de cada mulher, que colocada no coletivo traziam um pouco de cada trajetória, dos seus lugares de vida – na escola, na favela, nos seus espaços de lazer, no trabalho, em casa... Saber ouvir e considerar o interesse de todas nesta construção foi fundamental para criar vínculos de confiança e de respeito a experiência de vida de cada uma.

A coordenação compartilhada deste trabalho contou com uma equipe multidisciplinar, composta por uma socióloga e técnica da Fase; uma antropóloga; uma jornalista e comunicadora popular; e uma historiadora e cineasta. Antes e depois de cada oficina, nós quatro nos reuníamos para debater sobre o planejamento da atividade e avaliar o encontro anterior. A parceria na organização dos encontros, na elaboração das dinâmicas, na mobilização das participantes e na coordenação das atividades possibilitou o aprofundamento da reflexão sobre os relatos que iam sendo partilhados na construção da cartografia.

O segundo aspecto foi estabelecido como um desdobramento do primeiro. O fato de termos uma coordenação compartilhada e de estarmos atentas aos interesses de cada participante na realização dos nossos encontros foi determinante para solidificar a estratégia de planejamento constante das oficinas. A cada encontro, um novo aprendizado surgia, e com ele a possibilidade de acionar elementos que estivessem de acordo com a dinâmica do grupo. E foi desta forma, pensando sobre cada passo dado, extraíndo as lições possíveis de cada oficina, revendo e aperfeiçoando nossas atitudes, deixando o espaço aberto para as possibilidades criativas de atuação que a criação foi ganhando contornos.

Apostas, caminhos e inspirações

Ao longo de sua trajetória na elaboração de práticas voltadas para a educação popular, a Fase desenvolveu diferentes estudos envolvendo mapeamento participativo. Uma das experiências exitosas é o Mapa de conflitos sobre injustiça ambiental e saúde, trabalho desenvolvido pela da Fase em parceria com a Fiocruz e a Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Outras experiências desenvolvidas pela Fase no Mato Grosso e na Amazônia também demonstraram a importância de produzir cartografias que contribuam para lutas que extrapolam limites territoriais, mas que consigam fazer uma leitura da realidade a partir dos seus territórios. Estas experiências também nos mostram que fazer cartografia é um processo longo, extremamente dialogado e que não possui uma “receita pronta”: a vivência com o grupo, a identificação de suas demandas e o respeito ao tempo necessário da reflexão são alguns dos elementos que possibilitam a definição das estratégias mais adequadas ao que se quer dar visibilidade.

A produção desta cartografia social começou com o reconhecimento individual do território de vida de cada uma das participantes. Após a definição dos acordos coletivos sobre dias de encontro, locais e horários, as primeiras oficinas realizadas na Maré e em Manguinhos serviram para que as mulheres pudessem falar do seu local de moradia, considerando a sua história de vida e os espaços onde “circula ou não circula” no seu cotidiano. Os grupos eram formados por mulheres de partes diferentes das duas favelas, e, esse momento, ajudou no reconhecimento de como cada uma delas se via naquele espaço e a identificar as várias mudanças que nele ocorreram ao longo do tempo.

“Nossa própria casa vira terreno inimigo quando esses homens tão aqui”

Uma segunda etapa da nossa reflexão aconteceu através de imagens. A partir dos desenhos feitos sobre os locais de moradia e das falas que eles

mobilizaram, selecionamos várias fotos de mulheres que vivenciavam a militarização no seu cotidiano. Essa dinâmica foi fundamental para definir e destacar os locais que faziam lembrar dos assédios, xingamentos, olhares e comportamentos dos agentes armados do Estado. Rua, esquina, beco, praça, escuro são algumas das palavras que surgiram dessa dinâmica, acionando memórias do passado e acontecimentos recentes, que, naquele momento, apareciam como elos necessários à compreensão da militarização na vida das mulheres.

Este momento de diálogo com o uso de imagens serviu para aprofundar a escrita da cartografia, considerando as palavras que foram associadas a elas. Tratamos estas palavras como categorias espaciais, isto é, locais específicos onde violências causadas pela militarização ocorrem. Estes locais não pertenciam somente à Maré ou a Mangueiras, por isso existia semelhança nas experiências vividas entre as mulheres das duas favelas. Identificar experiências parecidas e reconhecer elementos comuns foram motivos que a partir desse momento uniram os dois grupos na realização dos encontros.

Assim, a segunda etapa da cartografia reuniu mulheres da Maré e de Mangueiras para o reconhecimento de suas histórias, a percepção de seus territórios, o seu lugar na cidade. O encontro realizado no dia 23 de setembro de 2017 foi particularmente marcante. Neste dia estivemos no Museu da Maré, e com a visita guiada por Gizele Martins vimos o quanto estas duas favelas possuem de semelhantes. Separadas pela Avenida Brasil, Maré e Mangueiras faziam parte de um mesmo território. Portanto, as histórias de chegada, de construção das casas, dos objetos da infância, dos atos de solidariedade durante as enchentes, as práticas de mutirão eram as mesmas nos dois locais. As mulheres se reconheceram como parte de uma mesma história.

Além disso, este encontro serviu para aprofundar as reflexões sobre a militarização através das visões sobre a cidade nos relatos pessoais. Novamente utilizamos imagens para trazer a reflexão, desta vez, a exibição do vídeo “contagem regressiva – controle urbano” da organização Justiça Global, que tem como tema central a militarização no Rio de Janeiro.

“Parece que vai rolar a festa e temos que prender os animais”

Refletir sobre o que significa a militarização vivenciada no cotidiano do seu local de moradia foi importante para compreender como esse processo ocorre no restante da cidade e não pode ser tratado de maneira isolada. A militarização é uma prática coercitiva e está presente na fala de

todas as mulheres. A presença do corpo feminino ou favelado é identificada como ameaça, distúrbio, algo que precisa ser contido com violência e mascarado perante os olhos da cidade vendida como mercadoria para a realização dos grandes eventos esportivos, financeiros e armamentistas. Essa cidade, aparentemente controlada e segura, esconde as barbaridades cometidas pelos agentes de segurança do Estado.

“Um dia eu tava no museu do amanhã e chegou um tanque. O cara desceu, eu continuei parada. O cara parou na minha frente, me mandou levantar e começou a me revistar. Eu queria falar que eu tinha o direito de ser revistada por uma mulher, mas eu não conseguia. Tinha outro cara apontando o fuzil pra mim.”

*“É como se fosse uma jaula”
(sobre a barreira sonora que cerca as favelas da Maré)*



O cerco, as barreiras, o constrangimento e a vigilância constante à qual determinados corpos são submetidos não varia nos diferentes espaços da cidade, apenas muda a sua intensidade e visibilidade. Ouvir estas mulheres trouxe para o centro do debate o corpo e seu papel na construção do espaço. É o corpo no seu trânsito pelos espaços que consegue mostrar como os processos coercitivos de gestão funcionam. A relação que se estabelece entre o que é sentido no corpo e o seu ambiente de circulação é o que dá vida aos espaços, fazendo com que eles deixem de ser meros cenários para se tornarem ambientes em constante transformação. É a experiência dessas mulheres que preenche de sentido os diferentes lugares da cidade.

Após esse momento de discussão iniciamos a escrita dos relatos de como as mulheres vivenciaram a militarização provocada por agentes armados do Estado. Divididas em dois grupos, elas foram relatando como a casa, a esquina, o beco, o escuro, a praça, entre outros locais e aspectos, traziam à tona a memória da experiência de violação.

Transformar esses eventos traumáticos num relato escrito foi uma ação difícil, e demandou o acionamento de situação ainda não resolvidas, por mais que o desejo de ver sua experiência na composição do material fosse grande. Este fato estabeleceu um momento de virada na forma como estávamos conduzindo as oficinas. Numa das reuniões de coordenação chegamos à conclusão de que diante da necessidade de manter esses relatos de forma segura, bem como de criar espaços de reflexão que não acionassem memórias de sofrimentos, deveríamos utilizar formas mais criativas de reflexão e redação. Assim surgiram os contos.

Criar a partir das histórias do cotidiano

A criação de contos apareceu como uma saída criativa para dar visibilidade às vivências dessas mulheres, de forma coletiva. Quando a ideia foi apresentada para elas, houve grande adesão e interesse na possibilidade de criar mundos e possibilidades com as suas experiências de vida.

A principal inspiração para a adoção desta proposta foi o conceito de escrevivência, criado pela escritora de literatura Conceição Evaristo. De acordo com ela, as mulheres negras são vistas na literatura de um jeito secundarizado, atrelado à imagem da mãe preta – a mulher que cuida da prole da casa-grande. Esta imagem da mulher que conta histórias para adormecer os filhos dos colonizadores retira da mulher negra a possibilidade de ser vista como alguém que conta suas próprias. A escrevivência utiliza a palavra escrita, que sempre foi um dado para as pessoas brancas, como uma conquista. Ela é a possibilidade de insubordinação e desconstrução da imagem subalternizada das mulheres pretas.

Para Conceição Evaristo três coisas são fundamentais no processo da escrevivência: ser uma escrita que seja cúmplice das histórias das mulheres negras – portanto, que aborde os aspectos de gênero e raça; ser uma escrita que abarque e dê sentido à realidade coletiva; ser uma escrita feita a partir de histórias do cotidiano.

Consideramos que estes elementos estão presentes na construção desta cartografia. Lidamos com relatos cotidianos de violações cometidas contra mulheres em sua maioria negras, que foram construídos de forma coletiva. Os contos trouxeram a possibilidade de criar histórias num relato que transbordasse as memórias e experiências individuais.

Cada personagem, espaço e relato ficcional se apresentam como uma contranarrativa aos discursos oficiais sobre as práticas militarizadas dos agentes do Estado. Os contos também mostram como os gênero e raça ganham centralidade quando falamos da militarização dos corpos e do cotidiano das mulheres que vivem em favelas.

As ideias aqui reproduzidas são baseadas na palestra "Memórias e escrevivências" feita pela autora Conceição Evaristo no dia 16/11/2018 no Museu de Arte do Rio. Para o debate, ver "Escrevivências da Afro-brasilidade; História e Memória". In: Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, novembro 2008, disponível em <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/escrevivencias-da-afro-brasilidade.html>

CONTOS

Em geral...

Em geral é um lugar barulhento, ouço de tudo que você possa imaginar. Seja o choro de uma criança, o cacarejar de uma galinha, ou o cantar de um galo, uma furadeira, motor de carro, ou moto, o riso e a brincadeira dos menó do lado de fora do portão, uma ou outra confusão, os vizinhos que gostam de música alta, movimento, conversas, vida, a fé, ou um som que você certamente já ouviu alguma vez. O som que estala e, imediatamente, causa apreensão e tensão e pânico e caos. O som de uma, duas, várias e repetidas rajadas de tiros e mais e mais tiros.

E com eles geralmente há som de gritaria, euforia, correria e frequentemente há o som da dor.

Eu ouço o som do estilhaço que faz o coração destruído de mais uma mãe preta que perde um filho pelo som que fez aquele gatilho ao ser disparado. O som de algo se rasgando e destruindo por dentro. O som da violência, da injustiça.

Eu ouço o incômodo e o desgaste, eu ouço o assédio, eu ouço o que não queria ouvir.

Até que ouço tanto essas músicas que o resto são apenas ruídos isolados da aleatoriedade de pensamentos.

Na compreensão de que nenhum desses sons nunca importarão para alguém além de quem também se corrói por dentro, ouço diferentes trilhas sonoras e me recuso a ouvir lá fora, afinal, é só o barulho do sistema.

O íntimo do íntimo

O íntimo do íntimo é mais íntimo do íntimo. É o nosso corpo, é nossa bolsa, é nossa casa.

≡ LAJE ≡

- . OS POLICIAIS ATIRAVAM DA LAJE DA MINHA CASA.
- . EM UM DIA DE CONFRONTO UM BANDIDO JOGOU MEU CACHORRO DA LAJE PARA NINGUÉM SABER QUE ELE ESTAVA LÁ.
- . ESTAVA NA LAJE QUANDO UM HELICÓPTERO SOBREVIOU BEM BAIXO E COMEÇOU A ATIRAR.
- . O TRÁFICO PEDIU PARA NÃO CONSTAR MURO OU SEGUNDO ANDAR NA LAJE PORQUE É LUGAR DE INVASÃO.

≡ PRAÇA ≡

- . EU ESTAVA NA PRAÇA QUANDO COMEÇOU UM TIROTEIO.
- . VI UMA MOÇA SER AGREDIDA ENQUANTO ESTÁVAMOS SENTADOS.
- . ESTAVA NA PRAÇA QUANDO SIMPLEMENTE UM CARA ME BEIJOU CONTRA A MINHA VONTADE, DEI UM TAPA NELE E ELE QUIS ME AGREDIR.
- . NO MEU PRIMEIRO ANO FIQUEI 1 HORA ESCONDIDA NA PRAÇA, ESPERANDO O TIROTEIO PASSAR.

Desde que me entendo por gente

Desde que me entendo por gente, eu já sabia, mesmo não sabendo de muita coisa, que mulher que não faz comida leva surra do homem. Já sabia que mulheres quase se matavam e viviam discutindo entre si por homem, já sabia que eu tinha que gostar de rosa, brincar de panela, boneca e casinha. Eu não entendia e não conhecia e não sabia, mas mesmo não sabendo eu já sabia que eu era inferiorizada, diminuída, humilhada, subjugada e muitas vezes tratada como nada. Fui sendo moldada, treinada, silenciada, oprimida e sendo forçada a viver presa dentro da minha própria mente e corpo.

Mas eu também sabia que ser mulher é resistir, que somos guerreiras e poderosas. Cresci ao redor de mulheres fortes e independentes, donas de família, esposas e mães ferozes e capazes de grandes feitos. Vi um milhão de mulheres de diferentes tipos e diferentes forças e amarras e liberdades e tristezas e idades que, apesar de tão diferentes e tão distintas, compartilhavam algo em comum: a violência. Sendo apresentada a cada uma de maneira especial, porém que sempre se conectam a outras. Uma inconformista, uma curiosa de mente aberta – isso que eu era e ainda sou. Uma questionadora nata, reprimida e tendo sua garganta estrangulada.

Quando eu tinha 5 anos...

Quando eu tinha 5 anos minha mãe me deixou ir comprar pão sozinha pela primeira vez. Eu estava saindo do meu beco para entrar na rua principal, assim que eu cheguei nela, estavam vindo policiais do lado esquerdo e os bandidos do lado direito. Eu estava bem no meio do confronto, com 5 anos. Tiros vinham de ambos os lados e eu, uma criança, estava ali no meio. Tinha uma vizinha que conhecia a minha avó e me tirou dali do meio o mais rápido que ela pôde. Eu quase desmaiei quando entrei na casa dela, lembro dela me tocando para ver se eu estava ferida, e me fazendo perguntas as quais eu não conseguia responder porque só conseguia pensar que minha vida ali ia ser ceifada pelo confronto. Passei uma semana sem conseguir sair de casa, e tinha medo toda vez que ouvia minha mãe, irmã ou padrasto dizendo que ia comprar pão, aquela cena não saía da minha cabeça, e eu temia que aquilo poderia acontecer com meus familiares, ou até pior."

Pitty estava num rolê

Pitty estava num rolê enquanto cantava com os amigos, lembrou da cantiga de infância "Apaga a luz / acende a vela / que o caveirão tá entrando na favela". Lembrou da violência que ela e a amiga Severina sofreram anos atrás na fronteira... lembrou das imagens, dos sons, da agonia de ver aquele homem que as assediou. Lembrou também da violência que sofreram na praça quando um homem violentou sua amiga Severina. Se deu conta que Severina se matou pelas violências do seu corpo, que a fizeram morrer calada. Foi quando ela começou a gritar! Porque decidiu que a libertação do corpo da mulher favelada era o seu ideal de vida e não ia mais ficar calada. Neste flash de raiva e força, lembrou também do dia em que viu uma mulher ser jogada do segundo andar, pela escada, porque seu marido estava com ciúmes. Também lembrou de quando seu padrasto tentou esfaquear sua mãe, mas ela defendeu sua mãe. Lembrou de quando seu amigo foi espancado por policiais na rua e no ônibus, porque ele é negro e estava sem camisa. Aí percebeu que se ela ficasse gritando ali indignada sozinha, não adiantaria nada. Ela precisava contar isso pra mais pessoas. Foi aí que decidiu não só gritar e sim falar com mais mulheres. Reuniu suas amigas, pensou logo em Cattleya para fazer algo. Pensaram num grupo de mulheres de favela que está sendo um grupo de mulheres que tem procurado estar com mais mulheres, para que juntas possam aprender a enfrentar e superar as violências, os assédios que acontecem na sua vida diária.

≡ ESCOLA ≡

- SOU OBRIGADA A ASSISTIR AULA, OUVINDO A POLÍCIA TREINAR PARA ENTRAR NA FAVELA E EXTERMINAR MEU POVO.
- FOI ENCONTRADO UM CORPO ESQUARTEJADO ATRÁS DA QUADRA DA ESCOLA. NÃO HOUVE PERÍCIA.
- MINHA ESCOLA FECHOU DURANTE 7 DIAS POR CONTA DO TIROTEIO CONSTANTE.

≡ FRONTEIRA ≡

- JÁ VI DOIS CORPOS ABANDONADOS NA FRONTEIRA.
- FUI ASSEDIADA POR UM RAPAZ DA FRONTEIRA DAS FAVELAS, ME AMEDRONTANDO POR NÃO MORAR NO MESMO LADO QUE ELE.
- EU E MINHA AVÓ SÃO OS DA IGREJA. HOVE UMA INVASÃO DA FACÇÃO RIVAL. SÓ EU E MINHA VÓ NA RUA. OLHEI PARA O LADO TINHA UM CORPO SENDO ESQUARTEJADO.

Gil que tem 25 anos

Gil que tem 25 anos viúva a três anos, mora com a filha de 3 anos. Quando Gil estava grávida, perdeu seu marido em um dos assassinatos que a polícia comete todo dia nas favelas. Vitimada pela vida mas não tendo como não acordar todo dia e no mesmo horário seguir a vida ... levar a filha pra creche e correr pro salão onde trabalha como manicure.

6:50 da manha Gil, já está a pronta pra sua vida....

Então sai de casa pra levar sua filha a creche e quando abre a porta já percebe que tem um clima diferente na rua.

Segue andando com juju nos braços... quando um barulho se aproxima dela olha pra cima pros lados pros bares pro campo de futebol e se perde na favela que ela viveu a vida toda onde ela conhece cada espaço cada possível de proteção e abrigo conhece cada pessoa cada gato da rua. Mas naquele dia sentiu que algo estava estranho o clima que tava na favela era bem pesado diferentes dos tantos que já viverá entendia que algo estava errado... teve certeza quando ouviu este barulho muito alto se aproximando... percebeu que era o helicóptero da Polícia e isso tudo fez que ela não conseguisse mais agir parada com aquele barulho ensurdecedor que tirava noção de tudo que Gil conhecia... não conseguiu ouvir mais nada as pessoas corriam de um lado pro outro enquanto ela parada em choque via o policial atirador lá dentro do helicóptero mirando o fuzil pra Gil que se perdeu entre as memórias que vieram a seu pensamento e a realidade.

O mesmo som que ouviu no dia que seu marido foi assassinado... o som do helicóptero que escondeu o barulho do tiro que tirou o seu amor...

O barulho e o vento provocado pelo helicóptero a transportou pro desespero só que agora ao invés de dentro da barriga Gil carregava Juju nos seus braços e a abraçou com toda força e percebeu que só ela mesma poderia fazer algo ali pra proteger sua filha... correu muito pelos becos sem nem saber por onde ia porque o barulho parecia que a seguia ela sentia no seu corpo a sensação da bala entrando... ela se via caindo morta.

Mas não estava... não estava.

Ela estava ali correndo com os pensamentos de como sobreviver de novo mais um dia.

Ainda correndo sentia a dor no seu corpo na sua mente, mas não no seu coração que tirava força pra reagir meio que por impulso, ódio e necessidade de proteger sua filha porque sua vida já não tinha sentido...

Estas lembranças passavam como se estivessem impregnadas em cada pedaço dos becos que passava as palavras escritas pelas paredes os lugares que parava pela favela com seu amor

todos os lugar que olhava mostrava a Gil muita a dor... o cheiro da memória do sangue que se misturava com as lágrimas e o ódio.

E no meio deste momento lembra que mais importante que aquela vida que ela tinha que viver era Juju que carregava nos braços, proteger sua filha dominou seu pensamento esqueceu o medo e as memórias conseguiu ali naquele momento reagir de novo.

Quando ela consegue perceber que já se afasta do lugar que estava... Lembra que está atrasada e como vai entrar na creche porra...

Quando ela encontra um menino caído no chão tentando levantar e dois policiais rindo dizendo que se ele não parasse de chorar ou ele ia apanhar mais ele mesmo com uma pastinha de documentos e dizendo que estava procurando emprego continua sendo chutado pelos policia Gil tenta ajuda-lo e os policiais não deixam.

Ela dilacerada entre memórias que apareciam em meio ao barulho ensurdecedor de violências que o barulho do helicóptero nem a tentativa de sair de onde o caveirão com asas poderia se aproximar dela mas podia afastar dela aquela sentimento de um tempo distorcido pela memória da dor e da realidade dessa vida que nesta mistura de sentimentos a leva pra este tempo e os flashes.

Diante dos seus olhos que luta mentalmente entre realidade memória e lembranças. Tudo se intercalava com o desespero da situação... Mas agora já pode seguir andando segue ainda desesperadamente com a filha pela rua cheia de polícia sem olhar pra trás foram 5 becos ela contou... Dos últimos policia que encontrara ai percebe que depois dos 5 becos tá tudo tranquilo se aproxima do moto taxi e já descobre o que tá acontecendo toda a movimentação na favela era porque o prefeito ia chegar então na parte onde ele ia passar não podia ter nada que eles acreditavam que poderia incomodar o prefeito.

Com muito ódio no coração e já não mais podendo deixar sua filha na creche porque agora já eram 7:30 e a inspetora não permitiu que Gil entrasse com a filha na creche.

Volta então pra casa só que desta vez decide pelo outro lado da rua e deste lado onde o Crivella não vai passar tudo segue normalmente boca de fumo, olheiro morador tudo segue o fluxo e ninguém mais lembra do que aconteceu a 30 minutos atrás.

Britchi

Britchi andava pela rua que estava em obras e nestas obras vários escombros.

≡ CASA ≡

- MEU PADRASTO TENTOU ESFAQUEAR A MINHA MÃE E EU A DEFENDI.
- NA ESCADA EM FRENTE A MINHA CASA FICAVA UM FUZIL GUARDADO.
- O MEU EX-PADRASTO TENTOU ME ESTUPRAR QUANDO EU TINHA 11 ANOS.
- FICAMOS SEMANAS SEM SAIR POR CAUSA DE UM CONFLITO QUE DUROU 6 MESES.
- FORAM MESES SÓ OUVINDO TIROS E VOZES PEDINDO SOCORRO

≡ BECO ≡

- FUI AGARRADA POR UM HOMEM BÊBADO NO BECO DO CHAVEIRO, PRÓXIMO DA MINHA CASA.
- VI UMA MULHER SER JOGADA DO SEGUNDO ANDAR PELA ESCADA, PORQUE SEU MARIDO ESTAVA COM CIÚMES.
- UM DIA QUALQUER, FUI BUSCAR MEU IRMÃO E VI UM TUMULTO, VI O TIO DE UMA COLEGA DA ESCOLA SER MORTO POR UM CONFRONTO.

Eu, Joana Medeiros

Eu, Joana Medeiros, tenho 20 anos, sou nascida e criada na favela [escolher nome], estou passando por situações que jamais imaginei passar no lugar onde criei minhas raízes. Nesse contexto, a única coisa que me resta é fazer um desabafo.

Nesse lugar onde vivo, não existe heróis ou vilões como muitos pintam. Aqui, vilões e heróis são violentos e se misturam. Ser mulher jovem, negra e favelada me deixa mais exposta: toda mulher é assediada, violentada, mas na favela é diferente, são outras leis, que contra mim vão justificando a violência. No dia 20 de agosto de 2013, fui na padaria pela manhã, como costumava fazer. Nesse momento, as crianças tavam indo pra escola e começou um confronto entre policiais e bandidos. Dentro da padaria começou uma correria, de crianças, jovens e adultos tentando se refugiar do tiroteio. Quando uma das crianças, para se proteger, escolhe ficar atrás dos bandidos, que acabam recuando e a criança acaba ficando ali sozinha, corre pra padaria, mas acaba sendo surpreendida por policiais que começam a revistar todo mundo dentro da padaria, inclusive a criança.

Foi a primeira vez que eu me senti violada no espaço onde fui criada. Além de mim, tinham outras três mulheres na padaria. Todas nós fomos revistadas e não tinha policial mulher. Quando saímos dali, uma delas me contou que já tinha sido revistada uma outra vez, mas que era mulher e que ela percebeu que o toque é diferente, mas que não foi confortável em nenhuma das duas vezes, porque nas duas foi “mão na parede e abre as pernas”. Em casa, fico pensando em quando poderia sair novamente. Naquela segunda-feira seria meu primeiro dia no estágio e no meio daquele tiroteio, tive medo de não conseguir sair da favela. Ao mesmo tempo pensei que conseguindo sair, como conseguiria voltar? Pois já seria noite e à noite tudo é muito mais perigoso. Quando não tem luz então... é frenético! No ano novo de 2016, logo após a virada do ano, todas as famílias confraternizando, festa, comida, deixando pra trás um ano de muitas resistências, prosperando coisas boas pro lugar onde vivemos, até que entra o caveirão e o BOPE, para mais uma operação. Atiram no transformador, deixando quase toda a favela sem luz. Ficamos 15 dias sem luz. Queriam que nós mesmos consertássemos o transformador. Nesse período, do outro lado da rua, já no asfalto, faltou luz e voltou no mesmo dia, mas a gente teria que pagar o conserto do transformador. Quando criança, costumava cantar com meus amigos uma cantiga, que não era um “atirei o pau no gato”, mas era tão natural quanto: “Apaga a luz e acende a vela, que o caveirão tá entrando na favela”. Naquela virada de ano, eu percebi que nada tinha mudado.

Cattleya, de 17 anos

Cattleya, de 17 anos, é moradora da favela da Ditira. Certo dia, ela estava em sua casa junto com sua família e, do nada, houve a invasão do tráfico, da PM e do BOPE. A casa de Cattleya era estratégica, pois era travessia de duas facções, já que era a única casa de 1 andar na rua, localizada na fronteira... e abandonou a casa. Cattleya e sua família resolveram abandonar a casa porque elas descobriram que na escada em frente a sua casa também ficavam fuzis guardados. Esse beco era próximo da boca, ela ainda ouvia todo o ritmo da boca... Cattleya foi morar com sua família na Vila Kell, um lugar mais calmo que a fronteira. Cattleya logo encontrou novas amigas. Certo dia, ela estava com Pitty, Nenê, Severina e Geovana, todas da mesma idade, sendo Severina a única mais nova, com 15 anos, indo pra festa no morro do Xital. Porém, a Vila Kell é de uma facção Rosa, diferente do Morro Xital, que é do Comando 50 Falarico. A festa foi super, mas na volta pra casa foi osso, pois foram paradas por um cara do tráfico e assediadas pelo cara do radinho. Ele ameaçou, elas ficaram amedrontadas. Uma delas, a mais nova, Severina, tentou se defender pegando o paralelepípedo, mas ele estava armado e disse que se ela jogasse, ela iria ficar de castigo e careca. Isso ocorreu no dia 20 de setembro de 2015, dia do aniversário da Pitty. Esta é só uma das tristes e violentas histórias de vida de uma adolescente favelada. Severina chegou em casa por volta das 5 horas da manhã, sua mãe já havia saído pra trabalhar. O único que estava em casa era o padrasto: bêbado, pra variar. Severina detesta o seu padrasto, pois ele agride sua mãe. Ele bate, xinga, violenta, grita – um covarde, sujo. Severina, ainda muito revoltada com o que ocorreu, foi chorando tomar banho. Seu padrasto entrou no banheiro e tentou estuprá-la. Severina gritou, se debateu, chorou e empurrou seu padrasto. Ele caiu e bateu a cabeça, foi quando ela conseguiu sair do banheiro e chamar uma vizinha. A vizinha ficou desesperada. Severina foi na boca e disse ao chefe Titico o que estava ocorrendo. Titico falou pra ela ir pra casa da vizinha e esperar sua mãe chegar. Ela, mesmo assustada com tudo isso, teve forças pra ir pra escola. A escola estava num momento de revolução; estava sendo ocupada por estudantes e aquele grupo precisava da presença dela, então tomou força e foi. Na escola, ao ir no banheiro, um dos estudantes tentou beijá-la e depois tentou beijar outras garotas.

Foi um péssimo dia para Severina. Ao chegar em casa, ela contou tudo para sua mãe. Sua mãe preferia não acreditar, disse que ela estava louca e que iria entregá-la para sua tia Sheila que morava em um bairro de milícia chamado Faca na Caveira. Lá, ela chamou suas amigas antigas: Cattleya, Nenê, Pitty e Geovana. Estava na praça para desabafar com suas amigas e, mais uma vez, um cara que já estava observando todas elas, agarrou Severina e a beijou. Ela deu um tapa na cara dele e ele quis agredi-la. Chegando em casa, se sentindo suja, violada, infeliz, sozinha, cansada, podre por dentro e achando que tem algo errado com sua forma de se vestir, agir, falar, se comportar, ela desiste de tudo. Ninguém acreditava nela e, sentindo-se um lixo, um objeto, ela se mata. Mas antes, ela deixa um recado na parede do quarto na casa da tia Sheila: “Todo mundo me viu e ninguém me ouviu”.

≡ ESQUINA ≡

NA ESQUINA DA MINHA CASA, VI UM HOMEN SER MORTO COM UMA PEDRADA, QUANDO EU TINHA 11 ANOS.

UM DIA DESSES FUI DEIXAR MINHA AMIGA EM CASA QUANDO, DE REPENTE, UM CARRO PRETO PARA EM FRENTE A BOCA E SAÍRAM ABORDANDO OS CARAS DA BOCA "PERDEU!" NÃO HOUVE TIROTEIO MAS INVADIMOS UMA CASA PERTO PARA NOS PROTEGERMOS.

≡ ESCURO ≡

- ANO NOVO 2011: APAGARAM AS LUZES DA FAVELA, COM O CAVEIRÃO E O BOPE.

- NA ÚLTIMA OCUPAÇÃO DO EXÉRCITO, 2017, VI BALAS TRAÇANTES.

- MORADORES DEPOIS DE 15 DIAS SEM LUZ FORAM DORMIR NA LINHA FÉRREA.

- 15 DIAS SEM LUZ NA FAVELA, QUERIAM QUE A GENTE CONCERTASSE O TRANSFORMADOR

DO LADO DA QUADRA DA ESCOLA DE SAMBA APAGARAM AS LUZES.

DOS AFETOS AOS EFEITOS DA AÇÃO



O envolvimento com a realização desse trabalho coletivo significou, sobretudo, lidar com afetos. E se deixar afetar demandou respeito, compromisso, e principalmente pensar e atuar considerando os impactos causados pelo acionamento de discursos e memórias associadas a dores e traumas. Nossos encontros, debates e metodologia estiveram sempre permeados pelas experiências do presente e do passado de quem estava ali, a cada momento, criando um novo tipo de apreensão da realidade. O próprio sofrimento apareceu nos encontros como algo que deveria ser reconhecido, compreendido e tratado.

A experiência de vida invisibilizada dessas mulheres foi debatida através de cada caso de assédio, estupro, assassinato, tiroteio e violências familiares relatados, o que transformou esses encontros num espaço de confiança. O elo entre as suas experiências transformadas em textos e os traumas que permaneceram em seus corpos, nos conduziu ao diálogo franco sobre o adoecimento que decorre da violência militarizada do estado.

Viver em territórios de favelas e periferias é estar vulnerável ao adoecimento. A histórica falta de qualidade nos serviços públicos associada à constância da violência praticada por agentes de segurança do Estado, transforma toda uma população em alvo das doenças físicas e psíquicas. E considerando que a maioria dos moradores de favelas e periferias são negras e negros, é fundamental denunciar a seletividade racial que estrutura as práticas militarizadas do estado. São homens negros que morrem e mulheres negras que são violentadas e adoecidas.

A identificação dos processos de adoecimento nos fez compreender a importância das práticas de cuidado. A etapa de finalização deste material foi marcada pela explicitação da demanda por acompanhamento psicológico, momento a partir do qual demos início à busca de apoio de organizações e profissionais da psicologia. Com este processo, fica a lição para que seja priorizado o suporte de profissionais que atuam no campo da saúde mental para a realização de trabalhos desenvolvidos com mulheres em territórios marcados pela ação violenta do estado.



1994 110 agentes da Divisão de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro realizaram uma operação na favela Nova Brasília, sob o pretexto de cumprir 104 mandados de prisão temporária. Durante tal operação, 14 moradores foram executados e 3 moradoras com idades de 15, 16 e 19 anos sofreram abusos sexuais e foram torturadas;

2007 as mulheres negras, moradoras de favela, foram chamadas de fábrica de produzir marginais pelo então governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral;

2012 quatro agentes do Batalhão de Polícia de Choque (BP-Choque), da PMERJ, levaram para um beco da Rocinha uma mulher que foi vista furtando e a estupraram;

2014 três mulheres foram estupradas no Jacarezinho por seis agentes da Unidade de Polícia Pacificadora, instalada no local em janeiro de 2013;

2015 uma moradora da Rocinha foi agredida e estuprada por dois agentes do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que realizavam uma operação na favela;

2018 Marielle Franco, vereadora do município do Rio de Janeiro, foi executada a tiros no seu trajeto pra casa.

Durante todas as semanas que antecederam e sucederam esses episódios, mulheres negras foram xingadas, ameaçadas e assediadas por agentes de estado armados.

E você, que conexões encontra entre racismo, machismo e militarização?

Nosso enfrentamento é diário, mas resistimos e seguimos de cabeça erguida. Estamos de pé, com a nossa força e a força daquelas que vieram antes de nós, nossas ancestrais.

Nos identificamos pela dor, mas também pela nossa coragem, nossa inteligência, nossa dignidade, nossa alegria e nossa capacidade de nos reerguermos.

Instituições, órgãos e organizações que podem ser acionadas em casos de violência:

Núcleo Especial de Direito da Mulher e de Vítimas de Violência – Nudem/Defensoria Pública RJ
Rua do Ouvidor, nº 90, 4º andar
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefone: 2332-6371

Centro Especializado de Atendimento à Mulher Chiquinha Gonzaga
Rua Benedito Hipólito, nº 125, Praça Onze
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefone: 2517-2726

Hospital Maternidade Fernando Magalhães (Hospital referência para atendimento em casos de estupro)
Rua General José Cristino, nº 87
Bairro: São Cristóvão
Telefone: 3878-2327

CEJUVIDA – Central Judiciária de Abrigamento Provisório da Mulher Vítima de Violência de Doméstica

Rua Dom Manoel, s/nº
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefones: 3133-3894 / 3133-4144
(Funciona diariamente das 18h às 11h do dia seguinte)

Núcleo contra a desigualdade racial (NUCORA/ Defensoria Pública RJ)

Avenida Rio Branco, 147, Andar: 12º Andar, Sala 1501
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefone: 2332-6186
(Ligar de 2ª a 6ª feira, das 10:00h às 18:00h)
Central de Relacionamento com o Cidadão: Ligue 129
Plantão noturno (Defensoria Pública RJ): whatsapp (21) 99753-4066

Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania/ALERJ

Rua Primeiro de Março, ao lado da Praça XV
Palácio Tiradentes, sala 307
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefone: 2588-1555

Centro de Referência de Mulheres da Maré (UFRJ)

Rua 17, Vila do João (anexo ao Posto de Saúde)
Bairro: Maré
Telefone: 3104-9896

Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM)

Av. Visconde do Rio Branco, nº 12
Bairro: Centro do Rio de Janeiro
Telefone: 2332-9994

Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180

Serviço de utilidade pública gratuito e confidencial (preserva o anonimato), recebe ligações de qualquer telefone (público, fixo ou celular). Tem por objetivo receber denúncias de violência, reclamações sobre os serviços da rede de atendimento à mulher e de orientar as mulheres sobre seus direitos e sobre a legislação vigente, encaminhando-as para outros serviços quando necessário.



Realização



Parceria



Apoio

